



Aportes para a identidade missional da Igreja contemporânea a partir da teologia de Atos dos Apóstolos

Contributions to the missional identity of the contemporary Church based on the theology of the Acts of the Apostles

*Vítor Hugo Schell**

*Joelson Erbert Martins***

Recebido em: 18/08/2025. Aceito em: 10/09/2025.

Resumo: *Este artigo busca identificar elementos teológicos e práticos presentes no livro de Atos dos apóstolos que fornecem aportes que contribuam para formação de uma identidade missional para a igreja cristã contemporânea. A pesquisa é de natureza qualitativa, com método bibliográfico, e fundamenta-se em análises teológicas e exegéticas dos textos do livro de Atos, dialogando com autores como David Bosch, Michael W. Goheen, Udo Schnelle, Jörg Frey entre outros. Por questões de delimitação, a ênfase teológica segue a tradição protestante por se tratar do contexto de pesquisa em que os autores do artigo desenvolve seus estudos. A pesquisa aponta para a centralidade do testemunho em ensino dos apóstolos, da atuação do Espírito Santo, da continuidade entre a missão de Deus que perpassa o contexto judaico e da igreja cristã, e da contextualização do evangelho de Jesus Cristo como elementos essenciais à compreensão da missão da igreja. A pesquisa aponta para a conclusão de que uma igreja que busca por referências para uma autêntica identidade missional e encontra no livro de Atos dos Apóstolos um paradigma normativo de identi-*

* Doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia Friedrich Schiller Universität-Jena, Alemanha. Professor titular do Novo Testamento e Grego na Faculdade Luterana de Teologia em São Bento do Sul, SC.

E-mail: vitor.schell@ft.edu.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6915-2553>.

** Mestre em teologia pelo PPG-EST em São Leopoldo, RS. Doutorando em teologia pelo PPG-EST em São Leopoldo, RS e bolsista CAPES, professor visitante na Faculdade Luterana de Teologia – FLT em São Bento do Sul, SC, pastor na IECLB.

E-mail: pastorjoelsonmartins@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2749-8991>.





dade, vocação e prática, em meio às tensões culturais, sociais e religiosas do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: *Igreja missional; Atos dos Apóstolos; missão; identidade; contextualização.*

Abstract: *This article seeks to identify theological and practical elements in the book of Acts that provide insights for shaping a missional identity for the contemporary Christian church. The research is qualitative in nature, employs a bibliographic method, and is based on theological and exegetical analyses of Acts, engaging with authors such as David Bosch, Michael W. Goheen, Udo Schnelle, Jörg Frey, among others. For delimitation purposes, the theological emphasis follows the Protestant tradition, reflecting the research context in which the authors develop their studies. The findings highlight the centrality of apostolic teaching and witness, the work of the Holy Spirit, the continuity of God's mission through both the Jewish context and the Christian church, and the contextualization of the gospel of Jesus Christ as essential elements for understanding the mission of the church. The research concludes that a church seeking authentic missional identity finds in the book of Acts a normative paradigm of identity, vocation, and practice amid the cultural, social, and religious tensions of the contemporary world.*

Keywords: *Missional church; Acts of the Apostles; mission; identity; contextualization.*

1 Introdução

Ao tratar a respeito das perspectivas neotestamentárias em torno da pergunta pela edificação de comunidades, o professor de Novo Testamento da Universidade de Zurique, Jörg Frey levantou a seguinte questão: “Como a evidência neotestamentária pode contribuir para a atual reflexão em torno do desenvolvimento e formas de Igreja?” (Frey, 2014, p. 31). A partir dessa indagação, defendemos a tese de que a igreja contemporânea pode e deve buscar inspiração nas vivências das primeiras comunidades cristãs para enfrentar os desafios missionários atuais. Alinhando-nos ao posicionamento de Frey, sustentamos que as diretrizes e práticas da igreja primitiva, fundamentais para sua expansão missionária, oferecem um contraponto relevante para a igreja atual, auxiliando-a a manter seu foco diante dos desafios contemporâneos e das oscilações do relativismo pós-moderno. Como afirma Frey, “a teologia evangélica precisa responsabilizar-se diante do Novo Testamento por sua imagem de igreja e comunidade caso não queira perder sua base e identidade” (Frey, 2014, p. 31).



Partindo da premissa de que a Sagrada Escritura serve como norma para a proclamação cristã e a inspiração missionária, o livro de Atos dos Apóstolos apresenta-se como uma fonte primordial para a reflexão sobre a prática missionária da igreja hoje. Este artigo se ocupa com uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória, com o objetivo de contribuir para a formação de uma identidade missional da igreja contemporânea, fundamentada na teologia de Atos. À luz do pensamento do missiólogo sul-africano David Bosch, a análise missiológica deve considerar duas dimensões essenciais (Bosch, 2014, p. 519): a *dimensão missionária da igreja* (o que a igreja é chamada a ser) e a *intenção missionária da igreja* (o que a igreja é chamada a fazer). No livro de Atos, a igreja cristã é retratada como uma comunidade constituída por homens e mulheres que receberam o testemunho acerca da pessoa e obra de Jesus, ou que foram suas testemunhas oculares, tornando-se discípulos e discípulas de Cristo. Essa configuração representa a dimensão missionária da igreja. Ao mesmo tempo, essas pessoas viveram em conformidade com a missão que lhes foi confiada: a de serem testemunhas de Cristo “em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1.8-NVI), o que evidencia a intenção missionária.

Este artigo busca identificar impulsos relevantes para a atuação missional da igreja, com base na reflexão de missiólogos de tradição evangélica-histórica. Distingue-se, aqui, a compreensão entre “igreja missionária” – que promove atividades ou projetos missionários – e uma “igreja missional” – que tem a missão como sua essência, seu “DNA” (Butzke, 2017, p. 7). Atos 1.8 é um texto paradigmático para essa discussão. A igreja primitiva, composta pelas primeiras pessoas chamadas de discípulos de Jesus (posteriormente chamados de “cristãos” em Antioquia – cf. At 11.26) e por aqueles que receberam o Evangelho por meio da pregação de Pedro no Pentecostes (At 2.14ss.), não via a missão como uma atividade paralela à vida cotidiana ou uma atividade específica da igreja. Pelo contrário, seu dia a dia era profundamente marcado pela ação do Espírito Santo, que os capacitava a testemunhar o evangelho e a engajar-se na missão de Deus no mundo, refletindo uma dimensão missional das primeiras comunidades cristã. Essa distinção ressalta a necessidade de resgatar, na atualidade, uma eclesiologia que compreenda a missão não como uma atividade adjacente, mas como elemento constitutivo da identidade da igreja.



2 O livro de Atos como teologia e história

O livro de Atos dos Apóstolos oferece um fundamento relevante para a reflexão e prática missional da igreja contemporânea, mas sua interpretação enfrenta desafios devido à distância histórica e contextual. Essa narrativa é frequentemente abordada de forma polarizada: enquanto algumas pessoas adotam uma leitura biblicista, buscando replicar literalmente suas estruturas e práticas, outras a veem como mero relato descritivo, sem aplicabilidade teológica ou missiológica direta. Esse dilema, contudo, não se restringe apenas ao livro de Atos – estende-se a grande maioria dos textos narrativos bíblicos em geral.

Para avançar nessa discussão, é essencial considerar a relação entre historiografia e teologia no texto lucano. Ao contrário da visão pós-Iluminismo, que separa história e teologia, as narrativas antigas – incluindo Atos – integravam ambas as dimensões. Como demonstrado por Schnelle (2009) em sua Teologia do Novo Testamento, a historiografia judaico-helenista (e.g., 1-4 Macabeus, Flávio Josefo) entendia a história como manifestação da ação divina. Lucas, nesse contexto, não apenas registra eventos passados, mas constrói uma narrativa teologicamente orientada, visando instruir as futuras gerações (Lc 1:1-4; At 1:1). Historiografia e Teologia não são elementos que se excluem, pelo contrário, elas se entrelaçam de maneira significativa, de modo que todas as narrativas históricas da Antiguidade foram elaboradas e interpretadas sob uma perspectiva teológica, mesmo que não exclusivamente monoteístas.¹

¹ Segundo William Wrede (1859-1906), fundador da escola da “História das Religiões, o estudioso do Novo Testamento não deveria se orientar nem pela estipulação de um Cânon nem por uma construção dogmática, senão que seu objeto de trabalho deveria ser toda a literatura cristã primitiva, sendo lida como testemunho de uma religião praticada. A discussão de Wrede retoma seu significado no contexto da crítica teológica da atualidade, da consciência de tolerância assim como no pluralismo de métodos utilizados hoje em dia. O método de Wrede, da “História da Religião” (Religionsgeschichte), procura ser um método exclusivamente histórico, no qual perguntas filosófico-teológicas são tratadas propositalmente somente num segundo momento da pesquisa. Como objetivo maior de tal método, vale o critério da justiça, tanto aplicado aos autores neotestamentários quanto aos sistemas religiosos concorrentes (Judaísmo, Estoicismo, Religiões de Mistério, cultos do mundo helenista, etc.). O alvo na pesquisa seria deixar conscientemente de lado a perspectiva da Igreja e utilizar somente a perspectiva “científica” para se analisar a visão de Mundo e interesses do cristianismo primitivo. O pesquisador do Novo Testamento é desafiado a deixar completamente de lado o seu próprio ponto de vista (“preconceitos”). Caso não deixe de lado seu ponto de vista o pesquisador/estudioso da Bíblia agiria apenas como um Pregador/Pastor e não de fato como um pesquisador.



Assim, Atos não é um relato neutro, mas uma obra que articula história e missão, projetando um modelo para a igreja em expansão. Seu propósito não se esgota no passado; antes, oferece um paradigma interpretativo para a práxis missional atual, desde que lido em diálogo crítico com seu contexto original. O objetivo de Lucas em Atos dos Apóstolos é claramente histórico, ou seja, ele pretende dar continuação à primeira parte de sua obra a Teófilo, na qual trata daquilo que Jesus começou a fazer e a ensinar (Τὸν μὲν πρῶτον λόγον ἐποίησάμην περὶ πάντων, ᾧ Θεόφιλε, ὧν ἤρξατο ὁ Ἰησοῦς ποιεῖν τε καὶ διδάσκειν). Desse modo, Atos trata da continuidade da história já narrada no Evangelho de Lucas, como continuação do “relato ordenado” (διήγησις).

3 Em busca de uma identidade missional a partir do livro de Atos

A narrativa de Lucas transcende o mero registro histórico, constituindo-se como instrumento de formação identitária para as primeiras comunidades cristãs, diante dos embates e desafios que a igreja primitiva enfrentou ao ser confrontada com sua tarefa de levar o evangelho de Jesus Cristo para além do contexto cultural que lhe era comum. Lucas articula os primórdios da igreja em Jerusalém com os desafios da expansão missionária no mundo greco-romano, estabelecendo um paradigma para a atuação missionária da igreja na posteridade (Dunn, 2009). Como historiador-teólogo, Lucas emprega a função pedagógica característica da historiografia antiga, fornecendo substrato identitário essencial para a igreja em contexto de expansão e a morte das testemunhas oculares. Essa construção identitária revela-se fundamental para uma eclesiologia missional, pois a identidade – enquanto expressão do “DNA eclesial” – determina a natureza e sustentabilidade da missão frente aos desafios da estagnação (Bosch, 2014).

3.1 A Tensão entre Identidade Cultural e Identidade Cristã

A discussão sobre “identidade cristã” frequentemente se confunde com expressões culturais particulares (liturgias, etnicidades ou cultura gospel). Contudo, a concepção lucana apresenta uma identidade eclesial essencialmente missional (At 1.8), que transcende particularismos culturais. O livro de Atos demonstra como o testemunho do



evangelho gerou tensões identitárias desde o princípio, como exemplificado pelo relato das queixas das viúvas de judeus de fala grega em relação às viúvas de judeus de fala hebraica, ambas pertencentes à mesma comunidade (cf. At 6.1). Já o episódio de Pedro e Cornélio (At 10) revela que a compreensão de identidade da igreja cristã exigia uma transformação essencial inclusive dos líderes estabelecidos. Não apenas Paulo, vocacionado para ser um instrumento de Deus para o testemunho do evangelho entre os gentios e seus governantes (At 9.15) precisava ter plena clareza sobre a inclusão dos gentios no plano de salvação de Deus, mas também Pedro, reconhecido como uma das colunas da igreja em Jerusalém (cf. Gl 2.9).

Essa narrativa fundacional oferece parâmetros para a igreja contemporânea, que enfrenta o desafio de conciliar: 1. Resquícios do paradigma da cristandade; 2. Contextos pós-cristãos; 3. Especializações eclesiais (igrejas de nicho). Um desafio premente (que exige solução) na contemporaneidade reside na convergência de múltiplos tempos, culturas e concepções acerca da identidade e o papel da igreja dentro de um mesmo contexto social. O fenômeno contemporâneo envolve a coexistência de pessoas profundamente enraizadas em um passado relativamente recente, quando o regime de cristandade exercia influência significativa sobre a sociedade, e pessoas oriundas de contextos diversos que, por sua vez, não tem familiaridade com as práticas litúrgicas que, para outros, se tornaram essenciais em sua trajetória cristã. É de fundamental importância reconhecer que dentro de uma única comunidade cristã podem estar presentes pessoas provenientes de variados *milieus* sociais e culturais. Por isso, a narrativa a ser analisada como formadora da identidade da igreja contemporânea é aquela contida no Novo Testamento e não que também não desconsiderada a diversidade presente nas comunidades primitivas. Não se trata de um retorno às práticas do primeiro século, mas sim de preservar a essência que, desde a elaboração do Novo Testamento, se estabeleceu como a identidade da igreja cristã. A questão central reside em discernir entre elementos constitutivos da identidade cristã (*kerygma*, missão) e expressões culturais eventuais. O período neotestamentário, enquanto revelação definitiva em Cristo, oferece os fundamentos identitários, porém sua aplicação exige mediação hermenêutica face à pluralidade contemporânea.



3.2 A atuação missionária de Deus no contexto judaico como fundamento missional da igreja primitiva

O testemunho apostólico registrado em Atos dos Apóstolos constitui uma narrativa teologicamente estruturada que articula a experiência histórica dos discípulos com Jesus de Nazaré e sua compreensão pós-pascal deste evento como cumprimento das promessas salvíficas de Deus. Lucas, frequentemente caracterizado como o teólogo da História da Salvação, desenvolve uma cuidadosa obra historiográfica (Lc 1.3) que situa o movimento cristão primitivo na continuidade da tradição judaica, ao mesmo tempo em que afirma sua singularidade escatológica. A mensagem dos discípulos de Jesus Cristo representava seu testemunho sobre as experiências recentes que vivenciaram, incluindo sua caminhada com o Messias pelas ruas poeirentas da Galileia, sua morte e ressurreição, que culminou em sua ascensão aos céus. O testemunho desses homens e mulheres estava intrinsecamente ligado ao plano salvífico de Deus, refletindo uma transição de uma expectativa futura para uma observação contínua do cumprimento da promessa em um momento específico, cuja relevância temporal se torna cada vez mais presente. A obra de Deus, enquanto ação redentora de toda a criação caída, prossegue, e os desdobramentos narrados, incluindo a orientação do Evangelho aos gentios, constituem novos elementos na história salvífica que devem ser integrados à trajetória do povo de Deus, tal como delineada nos primeiros livros das Escrituras.

A análise da narrativa de Lucas revela três dimensões fundamentais da identidade cristã em Atos. A primeira é a *dimensão histórica*. Lucas enfatiza as raízes judaicas do movimento cristão, aproveitando o capital simbólico do judaísmo no contexto helenístico. Seu relato meticulosamente estruturado dos eventos (cf. Lc 1.3) representa a continuidade da narrativa divina com seu povo.

Esta estratégia apologética é evidente na descrição das atividades missionárias de Paulo, que sistematicamente inicia seu contato missionário nas sinagogas (At 9.20; 13.42; 17.1-2). Os discípulos de Jesus pregariam o arrependimento para o perdão dos pecados a todas as nações, porém, começando por Jerusalém (veja que Jerusalém é o primeiro ponto também a partir de Atos 1.8). Os discípulos voltam para Jerusalém após a Ascensão de Jesus e permanecem constantemente no Templo, louvando a Deus (Lc 24.52-53).



É interessante perceber que também na trajetória de Paulo, conforme o relato de Lucas em Atos, está ligada à comunidade de Jerusalém. Paulo após sua conversão é apresentado formalmente em Jerusalém por Barnabé e permanece na comunidade em Jerusalém “pregando corajosamente em nome do Senhor” (cf. At 9.26-30). A identidade missional da igreja primitiva está ligada em Atos às origens em Jerusalém.

No mercado das possibilidades religiosas da antiguidade, a fé cristã aproveita-se de suas origens. As primeiras pessoas cristãs não se entendem como adeptas e propagadoras de uma nova religião, mas como judeus que interpretam as Escrituras a partir da revelação de Deus em Jesus Cristo. Uma separação clara e estanque entre cristianismo e judaísmo não é, a princípio, atestada no Novo Testamento. Em Atos dos Apóstolos é possível identificar um autor preocupado em ancorar os acontecimentos com aquilo que era atrativo no judaísmo dos tempos de Jesus.

A missão, corretamente entendida, é o papel dos escolhidos de Deus de viver como um povo de contraste e com isso atrair as nações ao seu redor para a aliança com Deus. Assim, a missão não se inicia em Atos, mas muito antes, no início da história bíblica (Goheen, 2014, p.152).

O fato de ser um segmento religioso reconhecido e respeitado por sua comprovada antiguidade e historicidade, num mundo onde novidades não são bem-vindas, até que se prove o contrário, faz com que a afirmação do elemento “judaico” do testemunho cristão se torne atrativo. Outro elemento que suscita o interesse de Lucas em fundamentar o cristianismo em suas raízes judaicas é a crença em um único Deus, a qual promove uma conduta ética e a virtude, aspectos que eram apreciados pelos cidadãos respeitáveis do império – uma tendência bastante prevalente naquela época, inclusive entre os filósofos gregos.

A segunda dimensão é a *comunitária*. A promessa do Espírito Santo em Atos 1.8 estabelece uma nova identidade coletiva das comunidades cristãs como “testemunhas”, superando quaisquer concepções individualistas de missão. Como observa Goheen (2014, p. 169), esta identidade comunitária se constrói a partir da experiência fundante em Jerusalém (Lc 24.49), que permanece como referência teológica mesmo na expansão gentílica.

Por fim, a terceira é a *dimensão escatológica*. A ressurreição de Jesus inaugura uma nova fase na história da salvação, caracterizada pelo envio do Espírito Santo e pela redefinição do Templo como espaço de



culto (Jo 4.21). Como destaca Goheen (2014, p. 160), Lucas mantém a centralidade escatológica de Jerusalém, herdada da tradição profética. Contudo, a mensagem do reino de Deus, o anúncio do perdão dos pecados (Mc 2.1-11), não se encontra subordinada ao Templo e ao seu culto, como erroneamente interpretavam alguns dos seus ouvintes. Jesus introduziu uma relação mais flexível com o centro do culto em Jerusalém (por exemplo, Jo 4.20-22). A ressurreição de Jesus inaugurou uma nova consciência escatológica, marcando o início de uma nova fase da história com o envio do Espírito Santo, o que impulsiona o testemunho da pessoa e obra de Jesus Cristo, continuamente renovado e guiado pelo Espírito Santo.

Jerusalém não é simplesmente uma base de lançamento ou um ponto de partida para a missão que pode ser facilmente ignorada à medida que a igreja se expande para campos mais importantes. Nas mensagens dos profetas a Israel, a importância escatológica e redentora de Jerusalém é marcante. A narrativa de Lucas se enquadra na expectativa escatológica de Israel. Nessa perspectiva, Jerusalém era o centro redentor dos últimos dias. Lucas permanece arraigado nessa tradição “centrípeta” do Antigo Testamento (Goheen, 2014, p. 160).

3.3 Pentecostes como evento formador da identidade missional da igreja cristã primitiva

A constituição de uma “igreja missional” é, por natureza, uma tarefa que transcende as capacidades humanas. Ao abordar o conceito de igreja missional, é imprescindível considerar a presença e a atuação do Espírito Santo, identificado como o Espírito de Jesus (Cf. João 14.26 – O Espírito é apresentado como “Espírito de Jesus” em Atos 16.7, indicando sua continuidade com a missão do Filho), derramado sobre a comunidade cristã que estava nascendo. Sem essa presença divina, as antigas identidades não são transformadas, e não pode emergir uma realidade genuinamente nova. A ausência do Espírito comprometeria o consolo, a orientação e a condução da comunidade de fé, como claramente evidenciado por Lucas ao relatar a ação do Espírito na missão das primeiras pessoas cristãs.

A era missionária da igreja, inaugurada no Pentecostes com o derramamento do Espírito, não representa uma ruptura com a obra de Jesus, mas antes, um retorno constante à confissão e ao testemunho da narrativa de Jesus de Nazaré. Ele é reconhecido como aquele que detém



toda autoridade nos céus e na terra (Cf. Mateus 28.18ss). Em sua pessoa e ministério, o reino de Deus manifesta-se plenamente. Assim, tanto o período histórico de sua atuação, morte e ressurreição, quanto os primeiros passos da igreja pós-Pentecostes, podem ser compreendidos como o tempo áureo do testemunho do evangelho, vivido por aquelas pessoas que conviveram com ele desde o início. Este tempo inclui a experiência decisiva de Paulo, cujo encontro com o Cristo ressurreto no caminho para Damasco representa um momento fundamental no *kairós* divino, conforme testemunham tanto o próprio apóstolo quanto o livro de Atos. Este evento marca não apenas uma virada pessoal, mas um chamado e paradigma para a igreja, que é constantemente convocada a retornar a esse relato fundacional e a perpetuar a memória vivida.

No discurso de Pedro em Pentecostes, conforme registrado por Lucas, observa-se a recepção e continuidade da doutrina apostólica, compreendida como o cumprimento das promessas proféticas do Antigo Testamento (Cf. Joel 2.28-32). O envio do Espírito inaugura a nova aliança prometida em Jeremias e Ezequiel (Cf. Jr 31.31-33; Ez 36.26), sinalizando a doação de um novo coração e uma nova identidade à comunidade de fé. Apenas pela ação do Espírito os discípulos são capacitados a reassumir a tarefa missional, inserida desde o princípio da atuação redentora de Deus que permeia toda a Escritura. O Espírito Santo não substitui a obra de Cristo, mas a atualiza e aplica continuamente ao longo da história (Goheen, 2014. p. 163-165).

Nesse sentido, a perseverança na doutrina apostólica e sua contextualização constituem elementos essenciais para uma compreensão teológica e prática da missão. Ainda que a perseverança não seja um traço predominante em contextos contemporâneos, o testemunho da igreja primitiva revela a centralidade do ensino contínuo e prático do testemunho dos apóstolos (Cf. Atos 2.42). A referência à doutrina dos apóstolos implica numa tradição viva, algo que é ensinado e transmitido. A Grande Comissão (Cf. Mateus 28.19-20) destaca a interdependência entre proclamação, batismo e ensino. O ensino cristão, entretanto, não se reduz à transmissão teórica de conteúdo. A pedagogia bíblica compreende o ensino como prática encarnada, como discipulado que se realiza no caminhar conjunto, no convite ao diálogo e na vivência comunitária como consequência do discipulado de Jesus. Esta abordagem, redescoberta por diversas correntes pedagógicas atuais, convida a igreja a integrar a formação doutrinária ao cotidiano da vida comunitária.



A comunidade missional neotestamentária é marcada por vínculos relacionais profundos, por parcerias concretas e pela formação de uma nova família constituída pela fé. O capítulo 16 da Epístola aos Romanos ilustra essa dinâmica de intimidade e compromisso mútuo. Além disso, as chamadas “viagens missionárias” do apóstolo Paulo devem ser compreendidas à luz de seu contexto histórico. Diferente das concepções modernas, essas jornadas envolviam longos períodos de convivência e dedicação contínua à proclamação do evangelho em diferentes localidades, revelando um caráter profundamente relacional e comunitário da missão.

A caminhada conjunta e a partilha da vida são, portanto, dimensões fundamentais da experiência missionária/missional. Contudo, em uma era marcada pela ênfase nas emoções, é necessário reafirmar a centralidade do ministério da Palavra de Deus, conforme ressaltado por Lucas (Cf. Atos 6.4). A pluralidade de atividades comunitárias não deve obscurecer o papel essencial da Palavra como fundamento que confere profundidade e sentido à vida comum. A resposta pastoral e missional da igreja a uma cultura emotiva não deve ser a frieza de uma ortodoxia desvinculada da existência, mas sim o anúncio apaixonado e vivificante da Palavra de Jesus, que faz arder o coração (Cf. Lucas 24.32) e revela sua pertinência nas questões mais profundas da experiência humana.

Em um livro famoso intitulado [...] Edificando os Crentes à Moda Antiga, Gary Parrett e J. I. Packer insistem que os cristãos contemporâneos devem restaurar a instrução catequética à vida da igreja. Essa maneira de abordar a formação espiritual experimentou um declínio tão drástico nas igrejas modernas, que a maioria dos protestantes, especialmente os evangélicos, acham que catecismo é “coisa de católico”. [...] A memorização e a recitação ajudam a aprofundar, a prolongar e a reforçar a teologia e a prática da igreja. Essa profundidade de compreensão forma o alicerce para uma mudança contínua de vida e incentiva a integração na igreja, com mais resultados ainda do que os oferecidos pelos seminários e programas da atualidade (Keller, 2014, p. 67).

3.4 O perfil missional de Paulo em Atos

A pluralidade cultural dos receptores da mensagem do evangelho, conforme testemunhado no Novo Testamento, não se configura como obstáculo intransponível à sua propagação. Ao contrário, o testemunho bíblico demonstra que a diversidade de contextos socioculturais foi



enfrentada por meio de discernimento teológico e adaptação pastoral, sem comprometer a essência do conteúdo da mensagem do evangelho. Conflitos culturais emergentes nas primeiras comunidades cristãs – formadas a partir do esforço missionário do primeiro século – foram resolvidos à luz da pregação e da doutrina dos apóstolos (Cf. Atos 15.1-29 – o Concílio de Jerusalém).

A presença de elementos religiosos nas culturas judaica e gentílica, embora potencialmente desafiadores, não representava necessariamente um impedimento à recepção do evangelho de Jesus Cristo. Pelo contrário, tais elementos eram avaliados criticamente à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo, cuja obra redentora se constitui como o critério último de discernimento teológico. Nesse processo, tornou-se fundamental distinguir entre o que verdadeiramente promove a Cristo e o que obscurece sua centralidade (Goheen, 2014, p. 163-165). A cultura, portanto, não é rejeitada em sua totalidade, mas acolhida sob juízo crítico, sendo reinterpretada à luz da pessoa e da obra do Senhor crucificado e ressurreto.

Essa dinâmica é particularmente evidente na atuação missionária de Paulo, conforme narrada em Atos dos Apóstolos, cuja redação por Lucas se dá em contexto posterior à circulação das epístolas paulinas. A narrativa lucana enfatiza os métodos utilizados por Paulo, os quais revelam sensibilidade missional e flexibilidade contextual sem concessões doutrinárias. Em sua prática, Paulo demonstra que a forma do testemunho – isto é, os modos pelos quais o evangelho é comunicado – está intrinsecamente relacionada ao conteúdo proclamado. Forma e conteúdo, no testemunho cristão, não são elementos dissociáveis; sua harmonia é essencial para a credibilidade e eficácia da proclamação. Essa concepção é reiterada nas palavras do apóstolo à comunidade de Corinto, quando afirma:

Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus. Não se tornem motivo de tropeço, nem para judeus, nem para gregos, nem para a igreja de Deus. Também eu procuro agradar a todos, de todas as formas. Porque não estou procurando o meu próprio bem, mas o bem de muitos, para que sejam salvos. Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo (1Co 10.31-11.1 – NVT).

A análise da narrativa lucana revela que o testemunho cristão se dá, inicialmente, nas sinagogas – espaços nos quais Paulo aproveita a infraestrutura e o ponto de partida hermenêutico comum com os judeus. Contudo, sua atuação missionária transcende esses espaços, atingindo



contextos públicos e privados, o que evidencia uma espiritualidade encarnada e um olhar missional apurado. Essa disposição de adaptar-se aos diferentes contextos culturais é enfatizada em 1Coríntios 9.22: “Fiz-me tudo para com todos, para de todos os modos salvar alguns”.

Tal postura, entretanto, não implica em relativismo teológico. A análise das epístolas evidencia que, embora flexível quanto à forma, Paulo mantém-se inflexível quanto ao conteúdo essencial do evangelho. Isso se observa, por exemplo, em sua epístola aos Gálatas, onde dirige uma repreensão veemente aos que distorciam a mensagem da graça, afirmando:

Estou convencido no Senhor de que vocês não adotarão outra perspectiva. Aquele que os perturba, seja quem for, sofrerá a condenação. Irmãos, se ainda prego a circuncisão, por que sou alvo de perseguições? Nesse caso, o escândalo da cruz estaria eliminado. Quanto a esses que os inquietam, desejaria que se castrassem de uma vez! (Gl 5.10-12 – NVT).

A comparação entre Gálatas e Atos revela a complexidade pastoral de Paulo. Enquanto repreende duramente os judaizantes da Galácia por insistirem na obrigatoriedade da circuncisão, em Atos 16.3 Paulo toma a decisão de circuncidar Timóteo “por causa dos judeus”, com o objetivo de evitar conflitos desnecessários.² Tal ação evidencia não uma contradição, mas uma hermenêutica pastoral que diferencia entre concessões estratégicas e comprometimentos essenciais. O critério hermenêutico permanece a revelação de Deus em Cristo, à luz da qual práticas culturais e tradições religiosas são reinterpretadas.

É importante destacar que a narrativa neotestamentária não afirma o abandono completo das práticas judaicas – como a circuncisão ou o seguimento da Torá – por parte das pessoas cristãs de origem judaica. O que se observa, antes, é a sua reinterpretação cristológica: essas práticas não mais determinam a identidade do povo de Deus, mas passam a ser reinterpretadas à luz do evangelho. Assim, a missão cristã não visa à negação da cultura, mas à sua redenção, por meio de uma proclamação fiel, contextual e espiritualmente discernida. Westhelle (2012) argumenta que a missão cristã opera uma transformação das culturas, sem destruí-las, mas reinterpretando-as cristologicamente.

² A atitude de Paulo, ao circuncidar Timóteo, deve ser lida em chave missionária (At 16.3), não contradizendo sua posição doutrinária em Gálatas.



3.5 A contextualização do Evangelho em face da diversidade cultural

A narrativa de Atos 17 oferece uma rica contribuição para a reflexão sobre a contextualização do evangelho. No cenário de sua segunda viagem missionária, Paulo chega a Atenas, centro intelectual do mundo greco-romano, onde é levado ao Areópago para apresentar sua defesa diante da acusação de introduzir novas divindades no panteão local – Jesus e a Ressurreição. Sua resposta revela uma cuidadosa leitura da cultura ateniense e uma habilidade notável em traduzir a mensagem cristã para os códigos de comunicação vigentes na cidade. Ao empregar referências à religiosidade local e inclusive a filósofos helenistas, Paulo demonstra profundo conhecimento tanto da Escritura quanto da cultura do público, sem, no entanto, comprometer a integridade do evangelho.

A contextualização realizada por Paulo não é uma adaptação acrítica. Ela encontra seu limite na proclamação da ressurreição de Jesus, ponto a partir do qual surgem as reações ambivalentes dos ouvintes (At 17.31-32). Comparando com outros episódios, como o encontro entre Filipe e o eunuco etíope (At 8.26ss), percebe-se que a base do anúncio varia conforme o público: enquanto com judeus e prosélitos Paulo parte da Escritura, com gentios ele desenvolve o conceito de Deus de forma filosófica. Em ambos os casos, o desconhecimento do evangelho por parte do interlocutor é uma constante (cf. At 8.31; 17.23).

A concepção de que a tarefa da igreja primitiva seria mais fácil do que a missão atual não se sustenta. Em Atos, o cristianismo aparece como uma proposta contracultural, enfrentando outras verdades tidas como universais. A dificuldade contemporânea, por vezes, está na leitura limitada do contexto atual e na resistência em aceitar que a sociedade pós-cristã já não assume automaticamente os pressupostos da fé cristã sem questionamentos. Em vez de apenas lamentar a perda de influência cultural, a igreja é chamada a apresentar à cultura vigente a mensagem do evangelho, como fez a igreja primitiva.

Timothy Keller observa com propriedade que “embora não exista uma maneira cultural transcendente de expressar as verdades do evangelho, existe, porém, apenas um evangelho verdadeiro” (Keller, 2014, p. 113). A tarefa da contextualização do testemunho do evangelho requer discernimento, pois a revelação divina se dá dentro de um contexto histórico e cultural real, com códigos e referenciais específicos.



A encarnação do Verbo (Jo 1.14) é o paradigma da comunicação do evangelho: Jesus fala a linguagem humana e encarna a verdade eterna em forma compreensível.

O evangelho de Jesus Cristo não é mera abstração de uma figura histórica, mas é o próprio Cristo, cuja vida, palavras e ações devem ser traduzidas para cada cultura, como fizeram as primeiras testemunhas cristãs. Assim, a tarefa hermenêutica não se limita ao texto bíblico, mas estende-se à cultura na qual ele foi produzido e à cultura na qual é recebido. A missão cristã, portanto, consiste em traduzir a contracultura do reino de Deus para os códigos contemporâneos, algo que só é possível mediante a ação do Espírito Santo, o verdadeiro intérprete da revelação (Jo 14.26).

Paulo é exemplo paradigmático de um intérprete intercultural: judeu helenista, fariseu e profundo conhecedor da mentalidade da época. Quando Paulo está em contato com pessoas integrantes das sinagogas ou entre gentios, ele adapta a linguagem, mas permanece fiel ao conteúdo do evangelho. A igreja, ao seguir esse modelo, reconhece que nem sempre estará culturalmente “em casa” e, nesse sentido, a liturgia pode se tornar um espaço missional. Elementos litúrgicos, embora não sejam o próprio evangelho, transmitem sua mensagem e podem ser adaptados, com responsabilidade teológica, para alcançar o outro culturalmente distinto.

A missão, portanto, não é um esforço para tornar o evangelho aceitável à cultura, mas sim um exercício de fidelidade à mensagem de Cristo em formas compreensíveis, movido pelo amor ao próximo e sustentado pelo Espírito.

4 Elementos apologéticos e a atratividade da comunidade cristã primitiva

A composição literária de Lucas, especialmente em Atos dos Apóstolos, revela intenções múltiplas e entrelaçadas, que se manifestam de forma simultânea ao longo da obra. Elementos pedagógicos, teológicos e apologéticos coexistem em uma mesma unidade narrativa, conferindo à obra lucana uma complexidade literária notável. A descrição da vida comunitária cristã primitiva exemplifica bem essa dinâmica: além de instruir a comunidade interna quanto a uma identidade missional, Lucas também constrói uma imagem positiva da igreja diante da sociedade local. Conforme observa Green, Lucas não apenas relata eventos históricos,



mas desenvolve sua narrativa com objetivos formativos e eclesiológicos (Green, 1995, p. 39-41).

A apologética lucana, nesse sentido, não se estrutura a partir de disputas doutrinárias complexas, como as que caracterizaram os debates teológicos posteriores, mas repousa sobre uma representação ética da comunidade cristã. A virtude das pessoas cristãs que integram a comunidade primitiva – manifesta em práticas como a comunhão, a solidariedade e o cuidado mútuo (cf. At 2.42-47; 4.32-35) – torna-se um testemunho perceptível e atrativo aos olhos dos que não compartilhavam da fé cristã. A ética da igreja cristã percebida pela sociedade local é, para Conzelmann, um componente essencial da teologia lucana, voltada à legitimação da fé cristã no Império Romano (Conzelmann, 1987, p. 132).

Para as pessoas integrantes da comunidade, tal virtude não era vista como resultado de uma disciplina moral pessoal, mas como uma manifestação da atuação de Cristo por intermédio do Espírito Santo. Sendo assim, a virtude, nesse contexto, é expressão do *ethos* pneumático: o fruto do Espírito se manifesta socialmente e produz uma ética encarnada (Marshall, 2001, p. 82-85). As pessoas cristãs são apresentadas como testemunhas da justiça de Jesus, uma justiça que, conforme os próprios ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte (cf. Mt 5.20), supera a justiça dos escribas e fariseus. Dessa forma, a ética cristã primitiva é entendida como intrínseca à nova identidade no Espírito, ao mesmo tempo em que se configura como uma postura missional.

A descrição lucana, portanto, cumpre uma função pedagógica, edificando a comunidade interna, e uma função apologética, apresentando a igreja como um corpo ético e virtuoso no mundo greco-romano. A atratividade da igreja não reside na imposição cultural e da fé, mas na visibilidade de uma nova vida, transformada pelo Espírito e orientada pela missão

Só se consegue chegar a uma compreensão adequada da história da constituição da primeira igreja quando se resiste à tentação natural de moldá-la segundo o padrão das posições confessionais modernas. Acontece que estas se mostram inadequadas. Assim, do lado católico tentou-se reiteradamente detectar na protocomunidade pontos de partida de um desenvolvimento orgânico que conduziu ininterruptamente à posterior ordem hierárquica dos cargos e apresentá-los como o elemento central. Intérpretes evangélicos, em contrapartida, tendiam muitas vezes a encontrar ali uma confirmação de sua abordagem fundamentalmente crítica aos cargos, pretendendo ver na protocomunidade o ideal de



uma convivência humana determinada unicamente pela comunicação espontânea, livre de estruturas ordenadoras, ideal este adulterado por desvios posteriores (Roloff, 2005, p. 81s).

A expansão do evangelho no primeiro século encontrou um ambiente sociopolítico singularmente favorável durante o período de paz e prosperidade associado ao reinado de Augusto. A infraestrutura desenvolvida pelo Império Romano – especialmente no que se refere às rotas de comunicação e transporte –, aliada à popularização do grego *koiné* como língua comum e ao processo de helenização do judaísmo, criou condições externas propícias para a expansão da fé cristã. Esse cenário gerou um senso de “cidadania global”, evidenciado particularmente nas narrativas do livro de *Atos dos Apóstolos*, sobretudo nas atividades missionárias do apóstolo Paulo (Frey, 2010, p. 100).

Em estudo comparativo entre as comunidades cristãs e as associações greco-romanas, Ebel (*apud* Frey, 2014, p. 36,37) identificou elementos que explicam a atratividade do cristianismo primitivo. Em primeiro lugar, as comunidades cristãs demonstravam abertura para indivíduos de diferentes origens étnicas e classes sociais, superando as barreiras de excludentes típicas de outras associações. Em segundo lugar, valorizavam a estrutura doméstica (*oikos*), incluindo escravos, hóspedes, mulheres e crianças como membros plenos da comunidade, o que contrastava com as convenções sociais da época. Outro fator de destaque era a ausência de exigência de taxas de adesão ou contribuições financeiras obrigatórias, característica incomum nas associações religiosas e cívicas da antiguidade. Embora a contribuição voluntária fosse incentivada, o fator econômico não constituía um obstáculo para a pertença. Além disso, o ritmo semanal dos encontros e a prática da comensalidade (cf. At 2.46) ofereciam um senso de continuidade relacional e espiritual, não observado em outras formas associativas contemporâneas

A mensagem do evangelho encontrou, no contexto de paz e prosperidade oriundo do período de Augusto, as condições externas favoráveis para sua disseminação. A boa infraestrutura que permitia a relativa facilidade de locomoção pelo território do Império, a língua comum, o *koiné*, e, não menos importante, o processo de helenização do próprio judaísmo, além da combinação de todos esses elementos, criaram um ambiente propício caracterizado por um sentimento de “cidadania global”, como é bem evidenciado nas páginas de *Atos*, especialmente nas atividades de Paulo (Frey, 2010, p. 100, 103).



Um estudo comparativo das assim chamadas “associações” com as comunidades do Novo Testamento destacam aspectos importantes, no que diz respeito à atratividade dessas comunidades no contexto greco-romano. Consta-se nessa comparação realizada por Ebel (*apud* Frey, 2014, 36-38) e retomada por Frey que (1) as comunidades cristãs estavam abertas para os de fora e para pessoas das mais diferentes origens étnicas e das diferentes camadas sociais da sociedade; (2) a valorização do aspecto familiar, da “casa” (incluindo escravos e hóspedes), colocando especialmente servos, mulheres e crianças na mesma “associação” era uma novidade para aquele contexto; (3) assim como a isenção de uma obrigatoriedade de uma taxa inicial de adesão ou de uma contribuição financeira regular também faziam a comunidade cristã atrativa. Evidentemente que contribuições voluntárias eram incentivadas, mas o fator financeiro não se apresentava como barreira para o pertencimento à comunidade. (4) O ritmo semanal dos encontros bem como a o fator da comunhão à mesa (cf. At 2.46) também era uma marca atrativa das comunidades cristãs que não encontra paralelo nas outras formas de associações na antiguidade; (5) outro fator atrativo era o sentimento de pertença a um grupo que ia para além das fronteiras regionais – o que tem seu paralelo somente com as sinagogas da diáspora – e que levava à hospitalidade e apoio entre os membros. A conclusão do estudo de Ebel é que:

[...] na concorrência com associações pagãs no seu território as comunidades cristãs podem se destacar sobretudo por causa de sua renúncia a condições formais de adesão e da grande intensidade da vida comunitária que também traziam aos cristãos e cristãs benefícios financeiros (Frey, 2014, p. 33).

5 Considerações finais

A presente pesquisa demonstra que o livro de Atos dos Apóstolos oferece elementos teológicos e históricos fundamentais para a construção de uma identidade missional da igreja na contemporaneidade.

Resgatando os elementos essenciais que compõe a identidade e vocação da igreja cristã que busca definir de maneira prática e objetiva a dimensão missionária (ser) e intensão missionária da igreja (fazer), a teologia do livro de Atos permite oferecer os seguintes aportes à igreja contemporânea.



O primeiro aporte se refere ao trabalho do autor em fazer convergir a narrativa histórica e a intenção teológica. A proposta do livro articula história e missão, projetando um modelo para a igreja cristã em sua incumbência missionária que conecta a atuação redentora de Deus que permeia a história, alcance o seu clímax na pessoa e obra de Jesus Cristo. A igreja é fruto da ação missionária de Deus e, ao mesmo tempo, é chamada a ser instrumento e participe nessa missão, testemunhando sobre a intenção redentora de Deus para o mundo.

A partir da experiência da igreja primitiva, marcada por desafios culturais, religiosos e sociais, compreende-se que a missão da igreja é mais do que uma atividade, mas um traço identitário fundamental, que não separa a realidade histórica, a interação com o mundo de sua vocação missionária. Numa cultura marcada por ofertas de espiritualidade notadamente influenciada pela cultura de consumo e pela individualismos, o risco de uma fé desarticulada da realidade e enclausurada em círculos restritos é um perigo constante para a igreja.

A fé cristã na perspectiva apresentada no livro de Atos desafia à um testemunho encarnado na realidade, que reflete um estilo de vida distinto da cultura dominante, mas ao mesmo tempo atraente, por ser capaz de adotar uma postura dialogal e oferecer respostas aos anseios e angústias dos tempos modernos, por meio da contextualização da mensagem do evangelho de Jesus Cristo. Desse modo, Atos apresenta um conceito de igreja missional que se estrutura em permanentemente no retorno ao fundamento apostólico, discernindo o propósito redentor de Deus, revelado nas Escrituras e direcionado ao seu contexto imediato.

Um segundo aporte diz respeito a atuação do Espírito, que conecta a ação missionária da igreja com a própria *missio Dei*. A missão da igreja não é um empreendimento meramente humano, que busca a projeção e manutenção da igreja enquanto instituição.

A ênfase na dependência e ação do Espírito Santo, como força propulsora e mantenedora da missão da igreja, revela a iniciativa de Deus no esforço missionário em favor da redenção do mundo. A atuação missionária da igreja, inaugurada no Pentecostes, com o derramamento do Espírito, não representa uma ruptura com a obra de Jesus, mas um retorno constante a pessoa e obra de Jesus de Nazaré. O Espírito Santo não substitui a obra de Cristo, mas a atualiza e aplica continuamente ao longo da história.



Sendo assim, a livro de Atos reforça que a dimensão missionária reflete uma igreja é um organismo vivo e universal, a serviço da missão de Deus. Não há espaço para disputas entre diferentes confissões ou ministérios personalistas. Uma igreja que entende ser chamada e capacitada pelo Espírito Santo de um Deus missionário reconhece a importância de ações conjuntas e diálogos que promovam a Cristo no mundo, não instituições que são meros instrumentos, em conformidade com o próprio ensino de Jesus onde ele diz aos seus discípulos que se eles caminhassem unidos, o mundo conheceria que de fato eles seriam seus discípulos (Jo 15.35).

Por último, o livro de Atos, em especial quando relata a atuação de Paulo como missionário ao mundo greco-romano, oferece aportes importantes sobre como a igreja contemporânea pode se dedicar a tarefa de contextualizar a mensagem do evangelho num mundo pluricultural.

A igreja, enquanto testemunha de Jesus Cristo, entende que o exercício da contextualização não é um esforço para tornar o evangelho aceitável à cultura, mas sim um exercício de fidelidade à mensagem de Cristo em formas compreensíveis, movido pelo amor ao próximo e sustentado pelo Espírito. O mundo contemporâneo não é tão diferente do mundo greco-romano se consideramos a diversidade social e cultural.

Como frisado acima, o evangelho de Jesus Cristo não é mera abstração de uma figura histórica, mas é o próprio Cristo, cuja vida, palavras e ações devem ser traduzidas para cada cultura. A tarefa hermenêutica não se limita ao texto bíblico, mas estende-se à cultura na qual ele foi produzido e à cultura na qual é recebido. Uma igreja missional é aquela que busca traduzir a contracultura do reino de Deus para os códigos contemporâneos, o que só é possível mediante a ação do Espírito Santo, o verdadeiro intérprete da mensagem. Enfatiza-se, assim, a necessidade de aprofundamento teológico e prático sobre como viver e comunicar o evangelho de maneira relevante na realidade atual de modo permanente.

Referências

BOSCH, David. *Missão Transformadora: Mudanças de paradigma na teologia da missão*. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. 4. ed. São Leopoldo: EST: Sinodal, 2014.



- BUTZKE, Jonas. *Igreja Missional*. Curitiba: Logos, 2017.
- CONZELMANN, Hans. *The Theology of St. Luke*. Philadelphia: Fortress Press, 1987.
- DUNN, J. *Beginning from Jerusalem*. Eerdmans, 2009. Ebook.
- DUNN, J. D. G. *Unity and Diversity in the New Testament*. Londres: SCM Press, 2006.
- FITZMYER, J. A. *The Acts of the Apostles: A New Translation with Introduction and Commentary*. New York: Doubleday, 1998.
- FREY, Jörg. Die Ausbreitung des frühen Christentums: Perspektiven für die gegenwärtige Praxis der Kirche. In: *Kirche zwischen postmoderner Kultur und Evangelium*, ed. Martin Reppenhagen, Beiträge zur Evangelisation und Gemeindeentwicklung 15, Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2010, p. 86-112.
- FREY, Jörg. Neutestamentliche Perspektiven. In: KUNZ, R.; SCHLAG, T. (EE). *Handbuch für Kirchen und Gemeindeentwicklung*. Neukirchener Theologie. Neukirchen; Vluyn: Neukirchener Verlagsgesellschaft, 2014, p. 31-41.
- GOHEEN, Michael W. *A igreja missional na Bíblia: luz para as nações*. Tradução de Ingrid Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- GREEN, Joel B. *The Theology of the Gospel of Luke*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- JOSEFO, Flávio. *Antiguidades Judaicas*. São Paulo: Paulus, 2014.
- KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida, 2014.
- LUCAS. Atos dos Apóstolos. In: *BÍBLIA Sagrada*. Trad. Almeida Revista e Atualizada.
- MARSHALL, I. Howard. *Acts: An Introduction and Commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.
- PARRETT, Gary; PACKER, J. I. *Edificando os crentes à moda antiga*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- ROLOFF, Jürgen. *Atos dos Apóstolos: Comentário Bíblico*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.



SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2009.

WESTHELLE, Vítor. *A escatologia da cruz: Teologia da missão e da libertação*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2012.